

**Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

**INVISÍVEIS ASAS DAS ONDAS ZYQ-3: Sociabilidade, Cultura e Cotidiano na  
Teresina dos anos 1950 e 1960**

Nilsângela Cardoso Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** Existe uma discussão veemente sobre a influência dos meios de comunicação de massa na sociedade, sobretudo, no que se refere às mudanças que este veículo provocou não só em termos de tecnologia, como também na alteração dos costumes, ao oferecer uma “cultura de consumo”. Este trabalho faz um estudo sobre a Rádio Difusora de Teresina, de 1948 a 1962, analisando algumas mudanças que a emissora promoveu na cidade. Integrada ao cotidiano como mais uma opção de lazer, sorrateiramente, a RDT remodelava a cultura, os hábitos e as formas de sociabilidade na Teresina dos anos cinquenta e sessenta do século XX.

**Palavras-chave:** Cotidiano. História. Rádio.

**Abstract:** There is a strong discussion about the influence of the mass media on society, concerning mainly the changes those media caused not only in terms of technology but also over customs since they offer a consumption culture. This paper presents a study about the Difusora Radio of Teresina (DRT) from 1948 to 1962. It analyses some changes the DRT promoted of the city. The DRT influenced culture, habits and ways of sociability in Teresina during the fifties and sixties of the twentieth century.

**Key words:** Everyday. History. Radio.

Nos anos 1930, quando as emissoras de rádio da região Sul do Brasil viviam a “era de ouro” do rádio, o Piauí engatinhava, fazendo seus primeiros experimentos em radiodifusão através do rádio-técnico Euvaldo Carvalho e do revendedor de aparelhos receptores Alcenor Madeira. O estudo aqui apresentado sobre a Rádio Difusora de Teresina (RDT) centra-se no período de 1948 a 1962. O foco de interesse do trabalho volta-se para as transformações das sociabilidades perpetradas pela influência conjunta da emissora (instituição) com o público (práticas sociais), ou seja, o “mundo” ao redor da emissora.

Assim, através das fontes hemerográficas e das narrativas construídas nos depoimentos orais, pretende-se construir uma versão da história da Rádio Difusora de Teresina e suas nuances na trama do cotidiano da cidade de 1948 a 1962. E, considerando que a História Oral pode amalgamar fragmentos da memória, o seu emprego se dá como método/técnica. Para Sônia Maria de Freitas (2002), a História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana, nesse sentido, a História Oral como metodologia é fonte. Apesar de trabalhar com memórias, o olhar sobre as fontes esteve voltado para o cotidiano, e este é visto

---

<sup>1</sup> Mestranda em História do Brasil do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Piauí, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

como um campo multidisciplinar, onde entram em jogo as experiências e as tramas de vidas carregadas de valores e emoções.

### **1 ZYQ-3 na trama do cotidiano teresinense dos anos 1950-60**

A entrada da Rádio Difusora como uma nova ferramenta de lazer, se dá a partir da importância adquirida junto ao público ouvinte e começa a modelar novo hábito na sociedade teresinense, propondo uma nova forma de viver.

As mudanças culturais de comportamento resultantes da presença do rádio no interior dos lares se deram, principalmente, no que se refere às relações sociais cotidianas. As implicações das mudanças culturais foram significativas entre os povos, na medida em que forjou novos elementos para o comportamento em sociedade, no qual o indivíduo participa muito mais das engrenagens desenvolvidas ou criadas pelos veículos de comunicação, modificando as relações tradicionais, acrescentando outros costumes e formas de convívio social. A radionovela, por exemplo, contribuiu para uma mudança no cotidiano privado, bem como nas relações familiares, pois a informação transmitida pelo rádio se torna pertinente no diálogo entre as pessoas da mesma casa, entre vizinhanças e amigos.

Mike Featherstone (1995) considera que, com os avanços tecnológicos, as sociedades contemporâneas passam a ter uma maior variedade de escolhas e de consumo, sobretudo, promovida pelos meios de comunicação de massa. A entrada dos meios de comunicação aumenta as opções de cultura, lazer, divertimentos, e com isso vai “rompendo”, ou acrescentando, com as formas tradicionais existentes. Com a instalação da RDT no final dos anos 1940, no que tange às novas opções de lazer oferecidas, através de sua programação, deve-se considerar que não há um rompimento, de fato, com as formas de lazer tradicionais, mas uma modificação, uma remodelação de hábitos, na medida em que as pessoas não deixaram de sair ou de ir se verem nas praças, o que houve foi uma redefinição do tempo e uma entrada do rádio nas sociabilidades.

Os meios de comunicação, portanto, acirrou novos processos, ao inaugurar outra relação com a informação e com a ficção (radionovelas), mas o cinema, por exemplo, não deixou de ser freqüentado, por causa do rádio e nem mesmo por causa da televisão, embora tenham ocorrido algumas modificações. Se até final do século XIX e início do século XX, as pessoas organizavam seu cotidiano e seu lazer de acordo com as atividades e a partir das opções de divertimento que a cidade oferecia a elas, com o rádio, muitas atividades eram feitas antes ou depois de determinados programas. Assim, num período em que o rádio tinha audiência absoluta, alguns horários passaram a ser considerados “sagrados”, em decorrência de programas de preferência nacional, como por exemplo, o *Jornal Q-3* e as radionovelas:

*[...] Tava todo mundo conversando aí um dizia: “Agora o senhor dá licença que eu vou ouvir o Jornal Q-3”. Quer dizer, ficar todo mundo preso ao Jornal Q-3, que era o jornal que entrava com as notícias. No interior se pegava a Difusora. Do mesmo jeito o Jornal Q-3, como hoje você vê marcar um encontro: ‘Depois do Jornal Nacional a gente conversa’. Então, do mesmo jeito a Difusora passou a fazer parte da sociedade. O Jornal Q-3 era ponto de referência: era antes ou depois do Jornal Q-3, o sujeito tava num lugar, aí dizia: “Tá na hora do Jornal Q-3, depois a gente conversa” (SILVA, 1990).*

A inauguração da RDT, no final dos anos 1940, significou mais que um empreendimento de progresso para a cidade de Teresina, disponibilizando novos fios para que as pessoas tramassem seu cotidiano. O *ventríloquo* chamava os ouvintes para perto do aparelho receptor, no aconchego do lar, para dali viajarem pelo mundo da fantasia dramatizada das radionovelas, se “sensibilizarem” com o drama da vida real através do *Grande Jornal Q-3*, e aquecerem seus corações de fãs com a vinda dos astros do rádio nacional e a cada anúncio de um gol. A RDT colocou em cena novas formas de viver, ao promover a estetização do cotidiano, e trazer à baila a contradição do próprio veículo de comunicação no que tange ao espaço público e ao privado, pois, na medida em que seduzia os ouvintes para ficarem em casa ao pé do rádio, atraía homens e mulheres para o exercício de uma nova atividade profissional.

## **2 A “radiodite” atraiu homens e mulheres**

As fontes pesquisadas - jornais escritos e entrevistas - deixaram evidente que trabalhar no rádio em Teresina nos anos 1950 e 60, além de ser uma profissão com baixos rendimentos do ponto de vista salarial, por estar ligada ao caráter artístico, não era benquista por alguns setores da sociedade, que não via com *bons olhos* aqueles que se interessaram em trabalhar no rádio. Assim, dependendo do setor e da atividade radiofônica na qual ingressavam, alguns radialistas da RDT tiveram que enfrentar preconceitos. Para o historiador Nelson Werneck Sodré (1979), a carga pejorativa que envolvia as pessoas ligadas a atividades artísticas, era decorrente de uma mentalidade ligada à cultura oficial e dominante que não via tais atividades como um meio para a profissionalização, mas um mero divertimento, uma atividade de adorno.

Aliada aos problemas de reconhecimento social da profissão radiofônica estava a preocupação, no seio familiar, de que a convivência dos homens e mulheres de família com o meio artístico pudesse desviá-los dos valores sociais dominantes e da boa conduta moral. Em Teresina, assim como em outras cidades do Brasil, existia um preconceito social muito grande em relação aos homens e mulheres que trabalharam no rádio na década de 1950. Eram,

respectivamente, os “vagabundos” e as “meretrizes”. A profissão de radialista, identificada com a boêmia, possibilitava a recriação do cotidiano de seus seguidores, que passaram a exercer determinadas práticas sociais não aceitas pela cultura oficial e dominante (LENHARO, 1995:25).

De acordo com Antônio Barbosa de Miranda (2002), havia uma certa discriminação em torno daqueles que tocavam determinados instrumentos musicais, como o violão, qualificando o exercício de músico como uma atividade marginal. Destaca ainda que, por associar o violão às serestas e às modinhas, dedilhar suas cordas era um sinal de que o jovem poderia se desviar dos alicerces conservadores desejado pela família e de que deixaria de seguir os preceitos sociais estabelecidos pela *finesse* da sociedade local, passando a levar uma vida desregrada podendo ser identificado como “cachaceiro” e “vagabundo”. Ser músico era uma atividade cheia de temores e resistências, pois ser boêmio era sinônimo de “rejeição ao mundo do trabalho e da disciplina, sendo identificada com o ócio e o não-trabalho. Mais do que a construção idealizada do boêmio que se encontrava desvinculado de todas as normas familiares, do trabalho, das obrigações sociais” (MATOS, 1996:31). A vivência de Totó Barbosa como músico constata isso:

*Você sabe que muitos não gostavam de violão. [...] Dentro da igreja não tinha violão não. Hoje você vê violão dentro da igreja. Não gostavam disso não. Era um negócio de boêmio, né. A gente pra tocar um violãozinho precisava de permissão. Hoje estão chamando a gente para um [...]. Onde não tem um violão numa mesa do ponto quente do cinco estrelas, não está bom. Violão, violão ali, tocando num violão, uma pessoa tocando. Hoje é o chique! Mas não tinha isso. Até para namorar, a mulher: “Ei bicho, toca violão? Vixi!”. É um vagabundo, um cachaceiro, né, naquela época (MIRANDA, 1991).*

Alguns segmentos da sociedade local envolvida pela “teia conservadora dos costumes”, conforme Alcir Lenharo, desconsideravam que se poderia dosar boêmia com trabalho profícuo. Qualificando-os como *desviantes* do protótipo masculino, desconsideravam que os profissionais do rádio trabalhavam muito para alcançar o estrelato e o reconhecimento social, bem como, para se manterem no lugar conquistado.

Na RDT, a maioria dos funcionários trabalhou diariamente para manter uma programação de qualidade no ar, mesmo com os poucos recursos técnicos que a emissora possuía. Os integrantes do *cast* Q-3 dos anos 1950 podem ser qualificados de acordo com a categoria de “homem deve-ser”, definida por Maria Izilda Matos, visto que exerciam, ao mesmo tempo, as atividades no rádio e outra ocupação, como a de advogado, funcionário

público e da iniciativa privada, por exemplo. A grande provocação que a atividade radiofônica gerava, era a de propor novas bases para os modelos masculinos e femininos.

A alteração dos papéis tradicionais atribuídos à mulher, a partir da sua ascensão à vida pública foi motivo para que a igreja católica condenasse moralmente aquelas que optavam por esse novo modelo feminino. Eram consideradas como *desviantes* do protótipo de mulher cristã. Partindo desse contexto, a entrada de uma mulher na carreira radiofônica, significava a adoção do modelo feminino avesso àquele que conservava os valores morais da família e da Igreja.

Na RDT, as mulheres ocuparam diferentes cargos e atividades. Havia aquelas que se destacavam, publicamente, reproduzindo sua voz através das ondas do rádio e outras, que, nos bastidores, organizavam a programação e cuidavam do setor administrativo e financeiro da emissora. As radialistas e artistas que ingressaram na RDT, do lugar que passaram a ocupar, de intermediários culturais, as mulheres começaram a desempenhar novas funções no espaço público, que comprometiam os modelos femininos tradicionais de mãe, esposa e dona-do-lar.

Antenas sensíveis do seu tempo, o ingresso das mulheres na RDT era um sinal de desequilíbrio da ordem hierárquica vigente, pois a vida radiofônica, o seu envolvimento com o meio artístico e com o espaço público, ofereciam caminhos para que as mulheres se desvirtuassem do protótipo de “moças casadoiras” e se tornassem mulheres “mal faladas”, como ocorreu com a radialista *Sandra Maria*, nos anos 1950, em Teresina. Vivenciar o mundo do rádio e o meio artístico estava sujeito a viver entre a “fama” e a “difamação”, no tocante aos estereótipos que envolviam os profissionais de rádio.

No entanto, denotam-se modelos distintos de feminilidade entre as mulheres que trabalharam na RDT nos anos 1950, algumas eram vistas como “donas” de perfis femininos alternativos e desviantes, em detrimento dos papéis tradicionais, enquanto que Ana Maria Rego se afirmou católica e presa aos seus princípios, mas que, nem por isso, deixou de ingressar na vida radiofônica.

Ana Maria Rego foi admitida na RDT em 1955, trabalhando no departamento artístico da emissora no setor de rádio-novela e rádio-teatro. Atuando como rádio-atriz num programa crítico humorístico, chamado *Mariquinha e Maricota*, a atriz relata algumas das dificuldades que teve, à época, no que diz respeito à aceitação da mulher no teatro e no rádio:

*Nessa ocasião era a sociedade que não admitia que as mulheres trabalhassem na rádio porque achava que era uma imoralidade, muita gente, muitos homens trabalhando com a gente. Mas elas não estavam lá dentro para saber a qualidade dos homens que trabalhavam com a gente. Eram homens finos, educados, homens*

*que nos tratavam muito bem, e nos respeitavam. Mas depois foi diminuindo e reconheceram a nossa força. Assim foi no teatro também. No teatro foi a mesma coisa, não aceitava que mulher trabalhasse. Mas deixa-nos até feliz saber como nós suportamos e superamos a resistência. [...] Mas naquele tempo foi difícil, muito difícil (REGO, 2001).*

Por conviver em um meio católico e conservador, a sua entrada no teatro e no rádio não agradou em casa, por considerarem que a convivência com o mundo artístico poderia desviá-la dos comportamentos tradicionais e cristãos socioculturalmente estabelecidos. Por um lado, considerava-se que a atividade artística não era reconhecida socialmente como uma atividade profissional e, muito menos, próprias para moças católicas.

Atuando no rádio, as radialistas teresinenses assumiram um papel importante na transmissão de novos estilos de vida. A RDT, portanto, abriu espaço para que as mulheres redefinirem os papéis tradicionais ao provocarem mudanças comportamentais, tais como, trabalhar em uma emissora de rádio e legitimar-se em uma atividade ainda vista como desclassificatória e promotora de hábitos desviantes. No entanto, é preciso ressaltar que essas mudanças comportamentais, em torno daquelas que trabalharam no rádio, se deram pela conquista da posição de radialistas e atuação em carreiras artísticas, e não em termos de difusão de idéias de caráter feministas pelas ondas da RDT, em programas específicos.

Até onde foi constatado, na grade de programação da RDT, não havia programas que divulgassem idéias de emancipação da mulher, além das notícias sobre o movimento feminista e as discussões em torno da lei do divórcio e do sufrágio universal. Antes, possuía programas, que, de certa maneira, reforçavam os papéis tradicionais da mulher, como por exemplo, os programas *Vespéral das Moças*, *Página Feminina* e *Crônica Dominical*.

### **3 A RDT no jogo político partidário do Piauí (1948 a 1962)**

Na história moderna do Brasil, Getúlio Vargas foi o primeiro governante a utilizar o rádio como meio de alcance social, para legitimar e difundir a ideologia do seu governo. Sobre este período da história nacional, Angela de Castro Gomes afirma que a sua utilização visava “[...] identificar e construir o verdadeiro espírito de nacionalidade que se encontrava no inconsciente coletivo do povo [...]” (GOMES, 1994: 30). Através do rádio, criava-se um elo entre o povo e o presidente, que pretendia, sobretudo, a legitimação do novo regime e a obtenção do apoio dos trabalhadores à política varguista.

No período compreendido entre o início da década de 1940 o final da década seguinte, o Piauí contava apenas com os sistemas de amplificadoras e três emissoras de rádio. Mesmo com a deficiência técnica das emissoras que engatinhavam como meios de comunicação de

massa, os políticos piauienses sabiam da importância do rádio nas disputas política partidárias, a exemplo de Getúlio Vargas, que transmitia pelas ondas do rádio seu pronunciamento e consagrava o mito de “Pai dos pobres e dos trabalhadores do Brasil”.

A criação da RDT, no final dos anos 1940, surgiu de um projeto vinculado a um grupo de intelectuais e políticos de Teresina, e tinha como objetivo dotar a capital de uma estação de rádio. Atrelado a esse propósito havia outros interesses, no sentido de que a instalação de uma transmissora de rádio em Teresina daria prestígio aos seus detentores, por se tratar de um empreendimento autofinanciável e de grande repercussão no Estado, abriria oportunidades para que seu(s) proprietário(s) desfrutasse(m) de certos privilégios políticos.

Quando se trata da ligação existente entre a RDT e uso político partidário nos anos 1950, ressalta-se a entrevista de José Lopes dos Santos, uma vez que, este ocupou o cargo de Diretor Administrativo e era filiado ao PSD, e apesar de expressar um certo cuidado ao falar sobre o tema, deixar escapar falas que confirmaram a “imparcialidade” da emissora quanto à posição política adotada nos anos 1950.

José Lopes dos Santos, em entrevista, chama a atenção e reconhece que, do ponto de vista político partidário...

*[...] e nesse particular eu acho que nem uma emissora, nenhuma das emissoras tem sido parcial. Pode ser que negligencie, deixando de noticiar qualquer coisa, mas por notícia, eu acho que não. Não se pode acusar nenhuma delas não. Pode dar uma notícia errada, uma notícia tendenciosa e com o objetivo de prejudicar alguém do ponto de vista político. eu tive, como, como político, tive bons adversários e sou da opinião de que é muito melhor um adversário político leal, do que um correligionário ou suposto amigo que não se... que não tenha lealdade com coisa nenhuma, né? É esse meu ponto de vista, o ponto de vista que eu sempre sustentei e foi mantido na emissora [...]* (SANTOS, 2002).

Mesmo que se pretendesse ser imparcial, os locutores da RDT de uma maneira ou de outra “tomavam partido”, como mostra essa passagem da entrevista de José Lopes dos Santos. Os noticiários veiculados pela RDT e a propaganda eleitoral, através das ondas eletromagnéticas, ajudaram a criar uma popularidade em torno do pessedista Cel. Pedro Freitas, candidato a governador do Estado do Piauí, vindo a ser eleito para o mandato de 1949 a 1952.

Para José Lopes dos Santos, o *Jornal Q-3* seguiu os critérios da imparcialidade. Todavia, se a memória é subjetiva e ideológica, é por esta qualidade que a História Oral tem sido alvo de críticas. Entretanto, no que tange às fontes escritas, elas também são portadoras

de subjetividade e mostram-se tendenciosas aos interesses que defendem. Dos jornais escritos que circulavam em Teresina nos anos 1950 e 1960 foram encontradas vozes destoantes sobre a posição de José Lopes dos Santos enquanto coordenador e apresentador do *Jornal Q-3*.

Em 1952 começou a circular em Teresina o jornal escrito *A Cidade*, órgão do Diretório Municipal e da bancada de vereadores da UDN. Alguns dos seus editores se deram ao trabalho de ouvir o *Jornal Q-3* da RDT e denunciaram semanalmente o excessivo número de comentários dos locutores em favor do PSD. Os editores do jornal denunciavam o partidarismo, não admitindo que a RDT servisse de palanque eletrônico do PSD, sobretudo, depois da compra da emissora pelos Diários e Rádios Associados.

Nas edições do jornal *A Cidade*, da década de 1950, eram colocadas notas que ressaltavam a importância do jornal falado para o Piauí que, “[...] ligado à Rádio Difusora de Teresina, sob direção do confrade José Lopes dos Santos, vem correspondendo a sua finalidade de jornal informativo e de interesse da coletividade” (*A CIDADE*, 1952: 3). Ao mesmo tempo em que alertava a influência “perniciosa” do PSD que usava do horário e do prestígio do *Jornal Q-3*, para fins políticos. A crítica focalizava o uso excessivo que os locutores da RDT estavam fazendo no horário de seus programas, e, em especial, do *Jornal Q-3*. Considerando que, embora a emissora fosse vinculada ao PSD pela compra das ações, a emissora deveria manter-se a serviço da coletividade, do povo piauiense. A opinião dos udenistas responsáveis pela edição do jornal *A Cidade* era a de não concordar com o comportamento de José Lopes dos Santos, que, na posição de coordenador do jornal falado, fazia dele um horário político partidário, como supunham os udenistas, à época em que o radialista pessedista veio para Teresina.

Em contrapartida, o jornal *Folha da Manhã*, que circulou em Teresina, a partir de 1960, fez a defesa a José Lopes dos Santos e dos comentários feitos por ele durante a apresentação do *Jornal Q-3*. Os editores da “coluna do rádio” do jornal *Folha da Manhã* afirmavam que a RDT prestava serviços a todos os políticos, sejam eles vinculados ao PSD ou não. Em um estudo sobre política e políticos do Piauí, José Lopes dos Santos afirma que a emissora prestava serviço para qualquer candidato que a procurasse e pagasse pela transmissão da propaganda partidária. E afirma que, durante a década de 1950, a RDT ajudou a eleger o Deputado José Cândido Ferraz que, firmando contrato de publicidade com a emissora, ocupou o primeiro lugar na bancada da UDN piauiense (Cf. SANTOS, 1988: 212).

### **Considerações Finais**

O presente trabalho, portanto, trouxe à baila alguns elementos da história da RDT, que ainda estavam para serem estudados, tais como o vínculo da emissora com o poder político

local e o seu papel como mediadora das transformações socioculturais e das mudanças comportamentais femininas e masculinas na Teresina de 1948 a 1962. Além de trazer à cena a vivência de homens e mulheres que trabalharam no rádio no período compreendido entre 1948 a 1962 também ajuda na reconstrução do cotidiano, sociabilidade e cultura de Teresina, com a chegada do novo veículo de comunicação, que, mediante uma programação variada, foi modelando novas atitudes e comportamentos socioculturais. Assim, ao lado das fontes orais, os jornais impressos tiveram sua contribuição nessa narrativa, que embora tenha avançado em alguns pontos da história da radiofonia teresinense, ainda apresenta lacunas. No entanto, sabe-se que nenhum trabalho pode ser considerado completo. O ofício do historiador não é buscar a verdade ou “resgatar” o passado, tal qual aconteceu, mas reconstruir os fatos com os dados que obtém, a partir de indagações do presente.

### Referências e Fontes

- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Mons. Ascânio. Radiotite aguda. **O Dominical**, Teresina, ano XX, n. 70, 15 jan. 1956.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FEATHESTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. [Trad. Júlio Assis Simões]. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FREITAS, Sandra Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- GOMES, Angela Maria de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- JORNAL Q-3. **A cidade**. Teresina, ano I, n. 100, 23 jul. 1952.
- LENHARO, Alcir. **Cantores do rádio – A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. 1 ed., v 1, Bauru: EDUSC, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Melodia e sintonia em Lupcínio Rodrigues: o feminino e o masculino e suas relações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MIRANDA, Antônio Barbosa de. **Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento**. Teresina (PI), 12 de janeiro de 1991.
- NEVES, Berito. **Rádio Educadora de Parnaíba: 47 anos de pioneirismo**. Parnaíba: [s.n.], 1987.
- O PIAUHY. Teresina, ano LVIII, n. 339, 21 abr. 1948.
- PEREIRA, José Eduardo. **Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO**. Teresina (PI), 22 de junho de 1990.

REGO, Ana Maria de Araújo e Silva. **Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento**. Teresina (PI), 06 de dezembro de 2001.

SILVA, José Raimundo Teixeira. **Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO**. Teresina (PI), 21 de agosto de 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. 7 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.